

QUALÉ, 
MEU REI?

Uma peça de Beto Mettig



QUALÉ, MEU REI?

Uma peça de Beto Mettig

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PERSONAGENS

Soldados(as)

Rei

Conselheiro(a)

Ministro(a)

Cavaleiro(a)

Prisioneiro(a)

Vendedores(as)

Trabalhador(a) 1 – T1

Trabalhador(a) 2 – T2

Trabalhador(a) 3 – T3

Palhaço(a) 1 – P1

Palhaço(a) 2 – P2

Palhaço(a) 3 – P3

Palhaço(a) 4 – P4

OBS: Os nomes dos palhaços deverão ser dados pelos próprios atores, de acordo com a construção do clown de cada um.

SINOPSE

“Qualé, meu Rei?” se passa numa época incerta, algo entre a Idade Média e o século XXI. A história começa quando um rei triste e isolado, último representante de várias gerações de uma injusta monarquia, decide extinguir seu cargo e abandonar uma vida de privilégios para descobrir novas maneiras de enxergar o mundo.

Ele deixa para trás a antiga lei que obriga todos em seu reino a esconder o rosto, e passa a enxergar a partir de sua renovada – porém desconhecida – identidade. Como ninguém jamais havia visto seu rosto antes, o antigo rei, agora incógnito e ao mesmo tempo livre de ultrapassadas tradições, permite-se viver novas experiências como uma pessoa comum, e acaba se tornando palhaço de uma trupe circense.

A vida corria bem até sua nova trupe ser convidada para uma apresentação no antigo palácio diante de um suposto rei que, aparentemente, nunca havia abandonado seu trono...

Sabendo ser ele o único monarca existente e entendendo a manipulação que os antigos ministros fizeram ao colocar uma pessoa disfarçada em seu lugar apenas para manter seus privilégios, o rei, incentivado e orientado por sua nova trupe de artistas, aceita integrar o grupo a se apresentar diante da corte – e do falso rei –, na esperança de fazer todos entenderem as artimanhas e os verdadeiros motivos atrás de antigas leis.

Com essa decisão, são os artistas mais uma vez, reafirmando o valor dos bobos da corte, que são capazes de entender medos e limitações humanas para propor novas formas de enxergar o mundo, sem privilégios ou explorações de poder.

“Qualé, meu Rei?” é um texto livremente inspirado em um dos contos do livro *“Le Roi au masque d’or”*, publicado por Marcel Schwob em 1893. A peça foi pensada para, pelo menos, cinco atores, que se revezam em personagens múltiplos.

CENA 1

E ENQUANTO O PÚBLICO ENTRA, DESENVOLVE-SE EM TODO O ESPAÇO UMA DISPUTA ENTRE O REINO DE PRATA E O REINO DA MÁSCARA DOURADA. TODO O TEATRO FUNCIONA COMO UM CAMPO DE BATALHA. ATORES E ATRIZES LUTAM DIVERTIDAMENTE ENTRE O PÚBLICO, QUE SE VÊ ENTRE ESPADAS, ESCUDOS E OBJETOS QUE LEMBRAM UMA DISPUTA MEDIEVAL. A LUTA VAI SE DEFININDO A FAVOR DO REINO DA MÁSCARA DOURADA E, ASSIM QUE O PÚBLICO ESTIVER ACOMODADO, A LUZ SAI EM RESISTÊNCIA.

CENA 2

SALÃO DO CASTELO DO REINO DA MÁSCARA DOURADA. AO LADO DO TRONO DO REI, O CAVALEIRO LÊ UMA LISTA DE COISAS NUMA ESPÉCIE DE PERGAMINHO QUE VAI ATÉ O CHÃO. ESTÃO EM CENA TAMBÉM O(A) CONSELHEIRO(A) E O(A) MINISTRO(A).

Cavaleiro – (Ainda no escuro. Luz entra devagar) Taças de prata do início do século, talheres com o brasão do Príncipe Aluminium, 40 cavalos da raça Árabe, todo o arsenal de armas dos Cavaleiros de Prata, 13 fazendas ao norte do continente...

Rei - Fazendas ao norte? Eu não sabia que o Reino de Prata tem fazendas ao norte do continente!

Conselheiro – “Tinha”, Majestade! “Tinha!” Já que nós vencemos a última batalha, pelas leis da guerra que vigoram nessa região, tudo agora é nosso!

Ministro – É. Podemos confiscar suas terras, suas plantações, suas aplicações bancárias, seus teatros, suas escolas... Enfim, tudo agora pertence ao Reino da Máscara Dourada.

Rei – (Entediado) Têm razão. Ah... Nossa pequena ilha não comporta mais tanta coisa. Precisamos arranjar um lugar para colocar mais essas lembrancinhas que ganhamos nas batalhas. (Para o Conselheiro) Onde vamos guardar tudo isso?

Conselheiro – (Fingindo constrangimento) Eh... Majestade... Tentando mais uma vez ajudá-lo a solucionar um problema de tamanha complexidade, ofereço-lhe humildemente uma de minhas casas para servir de depósito a tão inconveniente entulho.

Rei – Obrigado, Conselheiro, mas o Ministro aqui presente também já ofereceu ajuda semelhante. Eu não posso abusar pra sempre da boa vontade dos senhores. Já não basta tudo que os senhores generosamente já guardam pra mim? Não! Tenho que achar outra solução. (Repentinamente animado) O meu consolo é que tudo isso vai acabar logo, logo.

Ministro – (Surpreso) Como assim?

Rei – Ora, o senhor sabe: “O Grande Dia da Partilha”! A lei do reino diz claramente que todos os bens conquistados nas batalhas devem ser entre-

gues ao povo a cada 100 anos, no dia do aniversário do Rei. (O Ministro e o Conselheiro trocam olhares nervosos) A data está próxima, senhores! A grande festa será dentro de apenas alguns meses, exatamente no dia do meu aniversário. Portanto, logo, logo teremos mais espaço por aqui, e, claro, nosso povo terá mais recursos. (Para o Cavaleiro) Mais alguma coisa?

Cavaleiro – (Embaraçado) Sim... Eh... O que faremos com os reféns?

Conselheiro e Ministro – (Irritados, mas tentando não serem ouvidos pelo Rei) Vocês trouxeram reféns para a ilha?

Rei – (Ainda mais animado) Existem reféns aqui na ilha?

Cavaleiro – Sim, Majestade.

Rei – Reféns do Reino de Prata?

Cavaleiro – É um pequeno grupo. Estão todos presos, esperando para saber o que vai acontecer com eles.

Conselheiro – Vão ser destruídos!

Ministro – Jogados no calabouço!

Conselheiro – Ou simplesmente desaparecidos!

Conselheiro e Ministro – Mas aqui não ficam!

Rei – Calma, nada disso! O Rei aqui sou eu! (Pensativo) Que interessante...! (Para o Cavaleiro) Suponho que todos estejam de rosto nu.

Cavaleiro – Tentamos escondê-los, majestade, mas eles querem que todos vejam seus rostos.

Rei – Eu nunca vi o rosto de alguém...

Ministro – O que prova o respeito de Vossa Majestade pelas tradições do Reino da Máscara Dourada.

Rei – Mas de qualquer maneira teremos que encarar um desses prisioneiros, mesmo que ele esteja com o rosto nu. As sentenças de guerra devem ser dadas pessoalmente aos condenados. E eles têm direito a falar à corte. (Para o Cavaleiro) Tragam aqui o(a) líder dos prisioneiros. (O Cavaleiro sai)

Conselheiro – Majestade, eu acho extremamente desnecessária essa atitude.

Ministro – Será que não haveria outra solução?

Rei – As mesmas tradições que impedem que tenhamos espelhos em nossa ilha, nos obrigam a escutar o que essa pessoa tem a dizer. (Com certa excitação) Não pode ser assim tão terrível ver o rosto de alguém.

O CAVALEIRO TRAZ O(A) PRISIONEIRO(A), QUE ENTRA COM UMA FAIXA NOS OLHOS E É POSICIONADO DE COSTAS PARA O REI. ESTE FICA TENTANDO, DISCRETAMENTE, ENXERGAR O SEU ROSTO.

Rei – (Mudando o tom da sua voz, tentando parecer imponente) Pode falar!

Prisioneiro – Acho que estou diante do Rei da Máscara Dourada, pois não acredito que alguém teria a ousadia de falar assim tão alto em sua presença. Como não posso ver, estou lidando apenas com suposições. Mas pelo que sei não sou o único aqui a supor coisas por não poder ver; afinal de contas nenhum de vocês pode ver o rosto do outro, não é?

Ministro – Olha o respeito!

Conselheiro – O Senhor não entende nada de tradição!

Rei – (Pedindo silêncio) Pssss!

Prisioneiro – Esse reino é muito engraçado... Eu posso falar que quero diante do Rei, mas não posso ver tudo que desejo.

Conselheiro – Limites, meu caro, limites!

Ministro – Há de se preservar um pouco de privacidade.

Prisioneiro – É, mas essa privacidade limita também o que pode ser dito, não é? Duvido que alguém aqui possa descrever o rosto de outra pessoa. Não pode, simplesmente porque não conhece a face de ninguém.

Ministro – (Para o Conselheiro) Chega, não é?

Conselheiro – É, chega! (Para o Cavalheiro) Pode levá-lo(a). (Para o prisioneiro) Foi um prazer, viu? Tchau!

Rei – Calma! Faz sentido o que ele(a) disse. Eu quero ouvir um pouco mais sobre isso. (Para o Prisioneiro) Continue.

Prisioneiro – Não tenho mais nada a dizer. Quero apenas fazer uma proposta. Eu garanto que, mesmo de olhos vendados, consigo descrever os habitantes desse castelo, dessa ilha inteira! Se eu acertar em minhas descrições, meus companheiros e eu seremos libertados.

Conselheiro e Ministro – Não!

Rei – Parece justo, embora não acredite que você tenha alguma chance. (Pensa um pouco) Trato feito!

Prisioneiro – Todos já ouviram falar do Rei da Máscara Dourada, aquele que nunca viu um rosto em carne e osso. Um Rei que não conhece seu povo. Não sabes quem ri e quem lamenta nesse reino.

Rei – Claro que sei! Quem ri é o meu povo, feliz por viver em um lugar tão cheio de riquezas. Quem lamenta são meus Conselheiros e Ministros,

preocupados todos os dias com o destino do nosso povo.

Prisioneiro – Pois eu posso assegurar, apesar dos meus olhos vendados, que isso não é verdade. O riso vem dos seus Conselheiros e Ministros, satisfeitos por te enganarem com suas faces escondidas. Os lamentos vêm do seu povo, triste por não poder ver o mundo com seus próprios olhos. E até mesmo o seu rosto, escondido atrás de uma máscara tão bonita, pode ser feio e deformado pelo mau uso que você faz dele.

Conselheiro – Agora chega mesmo! (Para o Cavaleiro) Levem esse homem (mulher) daqui. (O Prisioneiro é levado embora pelo Cavaleiro).

Ministro – Vossa Majestade não deve ligar para essa loucura. Isso faz parte de um plano para nos confundir.

Conselheiro – É...! Coisa de gente ignorante!

Ministro – Gente que não tem o que fazer.

Conselheiro – Gente burra!

Ministro – Incompetente.

Conselheiro – Com cara de bolacha.

Ministro – Nariz de trombeta.

Conselheiro – Com perna fina...

Ministro – E bunda seca!

OS DOIS COMEÇAM A RIR. O REI ENCARA-OS SERIAMENTE, COMO SE TENTASSE VERIFICAR SE AS PALAVRAS DO PRISIONEIRO ERAM VERDADEIRAS. OS DOIS SE CALAM E SAEM.

CENA 3

O REI FICA SÓ. TIRA LENTAMENTE SUA MÁSCARA E COMEÇA A TOCAR SEU ROSTO, AO MESMO TEMPO EM QUE PROCURA UM ESPELHO PARA VÊ-LO DE PERTO.

Rei – Nenhum espelho! Não existem espelhos neste reino... (Tem uma ideia) O rio! Posso me ver nas águas do rio!

VAI ATÉ O RIO E OLHA, MARAVILHADO, SUA IMAGEM REFLETIDA NA ÁGUA. SIMULTANEAMENTE, O CONSELHEIRO E O MINISTRO ENTRAM NOS SALÃO DO CASTELO PROCURANDO PELO REI, MAS ELES ENCONTRAM APENAS UMA CARTA, ESCRITA PELO REI E DEIXADA SOBRE O SEU TRONO.

Conselheiro – (Lendo) “Prezados senhores. O(a) Prisioneiro(a) tem razão. Não posso governar um povo que não conheço. Ninguém jamais viu o meu rosto e nem mesmo eu sei a razão disso.”

Ministro – (Toma a carta do Conselheiro) “Fui embora. Vou aprender a fazer outras coisas. Vou mostrar meu rosto por aí. Sugiro que vocês façam o mesmo. Sinto apenas por não estar com vocês no ‘Grande Dia da Partilha’, quando nosso tesouro será repartido entre o povo. Sem um rei dizendo o que cada um pode ou não fazer, todos poderão criar novas regras para viver numa ilha com liberdade e sem nada a esconder! Assinado: Ex Rei da Máscara Dourada.”

O MINISTRO QUEIMA A CARTA E OS DOIS COMEÇAM A RIR. A LUZ SAI EM RESISTÊNCIA.

CENA 4

NESTA CENA SÃO MOSTRADAS IMAGENS/AÇÕES DO REI VIAJANDO. A IDEIA É PASSAR PARA O PÚBLICO A NOÇÃO DE QUE ELE PERCORREU UM LONGO CAMINHO DEPOIS QUE SAIU DO CASTELO. ELE PEDE CARONA, SE CANSA. VÊ E VIVE COISAS NOVAS, ANDA BASTANTE.

DURANTE ESSE PERCURSO ENCONTRA VENDEDORES, COM QUEM TROCA SEUS PERTENCES REAIS (ANÉIS, MANTO, UM CINTO COM SEU BRASÃO ETC.) POR MERCADORIAS (COMIDA, CHAPÉU, ESPELHO ETC.).

AO FINAL DA CENA, O REI NÃO POSSUI MAIS NADA QUE O IDENTIFICA COMO UM NOBRE. DURANTE TODA A CENA UMA MÚSICA ACOMPANHA AS AÇÕES DA PERSONAGEM, INTRODUZINDO O PÚBLICO AO CLIMA CIRCENSE DAS CENAS SEGUINTE. A MOVIMENTAÇÃO DA CENA SERÁ DEFINIDA PELA ILUMINAÇÃO, QUE RESTRINGIRÁ CADA AÇÃO A UM LOCAL DO PALCO.

CENA 5

AÁREA ABERTA, ONDE UMA TENDA DE CIRCO É MONTADA. AO LADO DA LONA, TRÊS TRABALHADORES PREGAM UM PINO DE SUSTENTAÇÃO DO CIRCO. ELES USAM GRANDES MARTELOS E PRODUZEM UMA MUSICALIDADE DEFINIDA COM SEUS MOVIMENTOS RITMADOS. (A SUGESTÃO É QUE O PINO FAÇA UM SOM A CADA VEZ QUE FOR MARTELADO)
O REI SE APROXIMA. O DIÁLOGO É ÁGIL, NUMA SEQUÊNCIA QUE DEIXARÁ O REI BEM CONFUSO COM A VELOCIDADE DO RACIOCÍNIO.

Rei – Bom dia!

Trabalhadores 1, 2 e 3 – Bom dia!

Trabalhador 1 – Tá perdido, é?

Rei – Mais ou menos...

Trabalhador 2 – Pra essas coisas não existe mais ou menos, não.

Trabalhador 3 – Ou tá, ou não tá!

T1 – Tá querendo me enganar, é?

T2 – A gente tá trabalhando, viu?

T3 – E ainda tem muita coisa pra fazer aqui no circo.

T1, T2 e T3 – Não vem atrapalhar, não!

Rei – Calma! Não estou querendo atrapalhar. Na verdade eu estou querendo colaborar.

T1 – Iiiih... Não tô entendendo nada...

T2 – Nem eu. Ô rapaz, você não tava perdido agorinha mesmo?

T3 – É! Como é que você quer colaborar se você tá perdido?

T2 – Quem tem que colaborar é a gente.

T1 – É. Você pergunta assim: “Onde é que fica a rua tal”?

T3 – E a gente responde: “Fica ali, atrás daquela curva”!

T1, T2 e T3 – (Se entreolham) Que cara mais confuso! (Voltam a trabalhar)

Rei – Peraí! Vocês não estão entendendo...

T1 – Pô, que cara mal educado!

T3 – É... A gente dá uma informação e ele ainda chama a gente de burro!

T2 – Ó... Burro é a mãe!

T1 – Não, é o pai.

T2 – Pai de quem?

T1 – Do burrinho! (Os trabalhadores caem na risada)

Rei – Vocês vão me deixar falar ou não?

T1 – Mas você é que não quer falar!

T2 – Você só queria saber onde fica a rua tal...

T3 – É. E a gente já disse.

T1, T2 e T3 – Fica ali, atrás daquela curva! (Recomeçam a trabalhar)

T1 – (Resmungando) Sai de mim, aipim!

T2 – (Resmungando) Sai pra lá, vatapá.

T3 – (Resmungando) Larga do meu pé, chulé,

Rei – Mas não é nada disso!

T1 – Não?

T2 – E por que perguntou?

Rei – Perguntou o quê?

T3 – Onde fica a rua tal.

Rei – (Completamente confuso) Mas que rua?

T1, T2 e T3 – Aquela, atrás daquela curva!

Rei – Tá bem, tá bem, eu “perguntei”... Mas estou procurando outra coisa também.

T3 – O quê?

Rei – Um trabalho!

T2 – E você perdeu ele por aqui?

T1 – (Dá uma martelada na cabeça de T2) Burro! Trabalho não é como um botão de roupa que fica perdido por aí, não.

T3 – Trabalho é isso que a gente tem aqui. É uma coisa muito importante, é um cargo, uma função.

T1 – A gente recebe algo em troca pelo nosso trabalho, fazendo aquilo que a gente sabe e gosta de fazer.

T2 – Ah! É trabalho que ele quer?

O TRABALHADOR 2 DÁ SEU MARTELO PARA O REI, MAS ELE NÃO AGUENTA O PESO. COM DIFICULDADE, ARRASTA O MARTELO ATÉ O PINO DO CIRCO E TENTA IMITAR OS MOVIMENTOS QUE OS TRABALHADORES FAZIAM.

T2 – (Para seus colegas) Ele é muito fraco!

T2 – (Para o Rei) O que você sabe e gosta de fazer?

Rei – O que eu gosto e sei fazer? Eh... Eu sei... Ah! Eu sei dar ordens muito bem!

T3 – Dar ordens...?

T1 – Que sem graça...

T2 – Eu não tô precisando de ninguém pra dar ordem aqui, não.

T3 – É. A gente já sabe tudo o que deve ser feito.

T1 – E fazemos muito bem!

T3 – Você tem certeza de que não sabe fazer outra coisa?

T2 – Acho que estão precisando de gente para trabalhar com os palhaços.

Rei – Eles não são aqueles parecidos com os bobos da corte? Ah, com os palhaços eu não quero não. Já me fizeram de palhaço por muito tempo.

T3 – Que ótimo! Então você já tem experiência!

T1 – Perfeito!

T2 - Fica aí que a gente vai chamar alguém pra falar com você.

T1, T2 e T3 – Não sai daí, não!

OSTRABALHADORES SAEM E O REI FICA SÓ.

Rei – Ei, peraí...! Eu não quero virar palhaço! (Para si) Tchau mesmo. Esse povo é muito louco!

CENA 6

O REI FAZ MENÇÃO DE IR EMBORA, QUANDO PERCEBE QUE ALGO SE MOVE EM UM DOS CAIXOTES QUE ESTÃO AO LADO DA LONA DO CIRCO. APROXIMA-SE LENTAMENTE, QUANDO UM DOS PALHAÇOS ENTRA EM CENA E O INTERROMPE.

Palhaço 1 – Ei! O que você vai fazer aí?

Rei – O quê?

Palhaço 1 – Por que você quer abrir o caixote?

Rei – Não posso ver o que tem dentro?

Palhaço 1 – E é da sua conta?

Rei – Como é que eu vou saber se eu ainda não abri?

Palhaço 2 – (Entrando em cena numa perna de pau) Qual é o problema?

P1 – Você acredita que ele quer abrir nosso caixote?

P2 – (Para o Rei) Por que você está interessado nele?

Rei – Você não estaria?

P1 – O que você quer?

Rei – Você é responsável pelo circo?

P2 – (Animado) Você é empresário?

Rei – Empresário?

Palhaço 3 – (Entrando em cena, num monociclo ou fazendo malabarismo)
Você quer nos contratar para um show, é?

Rei – Eu?

P1 – Não quer?

Rei – E eu tenho cara de quem veio aqui para contratar um show?

Palhaço 3 – Então você é o cara que quer o emprego de palhaço?

Rei – Quem te disse isso?

P3 – Não é verdade?

Rei – (Completamente confuso) Vocês são sempre assim?

P2 – Assim como?

Rei – Ninguém nunca disse isso?

P1 – Isso o quê?

Rei – Que vocês são confusos?

P3 – Nós somos?

Rei – Vão dizer que sou eu é que estou ficando louco?

P2 – (Para os outros palhaços) Quem aqui disse que ele é louco?

Rei – (Impaciente) Quando é que isso vai parar?

P1 – Isso o quê?

Rei – Você não notou que a gente não consegue parar de fazer perguntas?

P2 – Será

Rei – E então?

P3 – Então o quê?

Rei – Vai parar ou não vai?

P1 – Mas não foi você que começou a perguntar?

Rei – Foi?

P2 – Você não queria saber o que tinha no caixote?

Rei – Como alguém pode se entender nessa confusão?

P3 – Que confusão?

Rei – (Furioso) Chega de fazer perguntas! Vocês não vão conseguir me enlouquecer.

O PALHAÇO 4 SAI DE DENTRO DO CAIXOTE.

P4 – Que barulho é esse?

Rei – Se alguém responder a ele com mais alguma pergunta vai se ver comigo.

P2 – Com você?

O REI PARTE PRA BRIGAR COM P2, MAS É SEGURADO PELOS OUTROS PALHAÇOS.

P3 – Calma, era só uma brincadeira...

P4 – É, a gente faz isso para treinar.

Rei – Treinar o quê?

P3 – Nossa rapidez de raciocínio. Ou você acha que para ser palhaço, basta pintar a cara e sair levando uns tombos por aí?

P4 – (Para o Rei) Você se saiu muito bem! Conseguiu acompanhar nosso ritmo.

Rei – (Refletindo) Eu não sei o que me deu. De repente não conseguia mais parar e perguntar.

P1 – Isso prova que você é curioso.

P4 – Que tem senso de humor.

P1 – E que sabe improvisar.

P3 – Qualidades fundamentais para ser um bom artista.

Rei – Vocês são mesmo palhaços?

P2 – O que é? Vai começar a implicar de novo?

Rei – Não, mas é que eu imaginava que palhaços andassem sempre maquiados, com narizes vermelhos em forma de bola...

P1 – Você ainda tem muito a aprender para poder trabalhar com a gente.

Rei – Mas aí é que está o problema. Eu não quero ser palhaço!

TODOS – Ah, não?

P3 – Mas disseram que você queria um emprego!

Rei – Mas não de palhaço!

P1 – E por que não?

P3 – Que preconceito...!

P4 – Em primeiro lugar, você não vai conseguir outro trabalho por aqui; em segundo, você parece estar muito mais necessitado de um emprego do que nós de outro palhaço; e em terceiro, o trabalho de palhaço é tão honesto quanto qualquer outro!

P3 – Nos dias de hoje, então, é um trabalho importantíssimo para a saúde mental de todos.

P2 – É... Você tá tirando muita onda...

P1 – Qual foi seu último emprego?

Rei – O meu...? Eh... Bem... Digamos que eu dirigia uma grande empresa.

P3 – Que faliu, ou você não estaria aqui nessa situação.

Rei – Nunca pensei sob esse ponto de vista...

P4 – Então não temos mais nada a discutir.

TODOS – Vamos ao teste!

Rei – Que teste?

O REI É LEVADO PARA CIMA DE UM DOS CAIXOTES, QUE PASSA A FUNCIONAR COMO UM PEQUENO PALCO. UMA LUZ É ACESA EM SUA DIREÇÃO.

P2 – É uma coisinha simples.

P4 – Você vai se sair bem.

P3 – É... Não é nada demais...

P4 – Todos nós já fizemos isso um dia.

TODOS – Você só tem que fazer a gente rir!

**SILÊNCIO CONSTRANGEDOR. O REI, VISIVELMENTE EMBA-
RAÇADO, COMEÇA A CONTAR UMA PIADA, BEM DEVAGAR.
AO FINAL, NENHUM PALHAÇO RI. TENTA OUTRA VEZ, NOVA-
MENTE SEM SUCESSO.**

P4 – É... Vamos ter muito trabalho.

P3 – Ele não tem graça nenhuma.

P2 – Mas será que ele não sabe fazer nada engraçado? Todo mundo sabe fazer algo engraçado. Minha tia sabe fazer algo engraçado. O cachorro de minha tia sabe fazer algo engraçado, a pulga do cachorro de minha tia sabe fazer algo engraçado. Por que ele não sabe?

P1 – (Para o Rei) Não tem nada que você saiba fazer de especial, algo que só você saiba fazer?

Rei – (Animado) Eu sei dar ordens muito bem!

P4 – Que coisa sem graça...

P1 – Já é um começo.

P2 – Começo de quê? Eu não quero ninguém me dando ordens, não.

P1 – Mas se alguém muito metido te der um monte de ordens idiotas você vai ficar muito irritado...

P3 – (Acompanhando o raciocínio) Claro! Aí você vai discutir com ele...

P1 - O que pode levar a uma briga!

Rei – O quê? Vocês querem me bater? Grande recepção...

P3 – Não é nada disso! Nós podemos começar a transformar você em um palhaço ensinando você a brigar. Ou melhor, a “não brigar”! Briga de circo é outro tipo de briga, é como se fosse uma dança! Tudo coreografado! Quando você dá um tapa, por exemplo, a mão nem chega a tocar no rosto da outra pessoa. É assim que se faz, ó:

EM CÂMERA LENTA, FAZ O MOVIMENTO DO TAPA COM UM DOS PALHAÇOS.

P4 – Depois é só a pessoa que recebe o tapa fingir que foi atingido, fazer um barulho com uma palma e pronto, o tapa fica perfeito!

FAZ NOVAMENTE O TAPA, DESSA VEZ COM A REAÇÃO DO OUTRO.

P3 – Viu? Agora é a sua vez. Vamos fazer assim. Você começa a dar um monte de ordens a P2 até ele ficar bem irritado. Daí ele parte pra cima de você e vocês começam a brigar, ok?

O REI SE AJEITA EM CIMA DE UM DOS CAIXOTES, RESPIRA FUNDO E COMEÇA.

Rei – (Aos berros) Você! Levante essa bunda do chão e venha me ajudar a sair daqui! Não está vendo que eu quero descer? Com essa mão, não, bobão, com a outra! E pare de me olhar com essa cara de cocô! Tá pensando o quê? Que é importante só porque eu lhe dei a mão? Recolha-se a sua insignificância!

P2 PARTE PARA CIMA DO REI E INICIA UMA CENA DE BRIGA, QUE ACABA ATINGINDO – E ENVOLVENDO – TODOS OS OUTROS PALHAÇOS. ENQUANTO SE MOVIMENTAM EM AÇÕES ÁGEIS E COREOGRAFADAS, FAZEM TAMBÉM A SONORIZAÇÃO DA LUTA COM APITOS E INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO. OBJETOS VOAM PELO PALCO E TORTAS ACERTAM O

ROSTO DE ALGUNS ATORES. AO FINAL, JÁ CANSADOS, TODOS COMEÇAM A RIR. O REI É O ÚNICO QUE PARECE DOLORIDO.

P4 – Você tá sentindo alguma coisa?

Rei – Não é nada demais... É que estou meio fora de forma.

P4 – "Não é nada demais", não senhor! Temos que fazer um exame para ver como você está. Não queremos ninguém doente por aqui.

CENA 7

DIANTE DA RELUTÂNCIA DO REI EM SER EXAMINADO, OS PALHAÇOS CARREGAM-NO PARA DENTRO DA LONA DO CIRCO, ONDE SERÁ INICIADA UMA CENA DE SOMBRAS, COM AS SILHUETAS DOS ATORES SENDO PROJETADAS NO PANO. A MÚSICA É ALEGRE E ÁGIL, COMO NUMA CENA DE FILME MUDO. O REI É ESCOLTADO E OBRIGADO A SE SENTAR NUM BANQUINHO. GRAÇAS AO EFEITO DE SOMBRAS, É INICIADO TODO UM JOGO RELACIONADO A EXAMES MÉDICOS, COM GRANDES E ESTRANHOS OBJETOS SENDO ENFIADOS PELA BOCA E OUVIDOS DO REI.

CENA 8

A AO FINAL DO EXAME MÉDICO, TODOS SAEM DA LONA.

P4 – Pronto! Agora você já está examinado e pode continuar o treinamento.

P3 – Mas antes temos que batizá-lo!

P1 – É mesmo! A gente ainda nem se apresentou, Que falta de educação...
(Dirigindo-se ao Rei) Muito prazer, eu sou P1.

O NOME DE CADA PALHAÇO SERÁ DADO PELO(A) ATOR/ATRIZ QUE O(A) INTERPRETA. AO SE APRESENTAR, CADA PALHAÇO FAZ UMA SÉRIE COMPLICADÍSSIMA DE CUMPRIMENTOS, QUE O REI TENTA ACOMPANHAR, COM DIFICULDADE.

P3 – Precisamos encontrar um nome pra você.

P4 – É... Um nome que seja forte, curto, sonoro...

P2 – Que tal PUM?

TODOS – PUM?

P2 – É! PUM é forte, curto e sonoro. E além do mais, com essa cara de fedor que ele tem, só vai poder se chamar PUM mesmo... Ou BUFA, ou PEIDO, ou COCOZINHO, ou...

O REI PARTE PARA CIMA DE P2, MAS É SEGURADO PELOS OUTROS.

P2 – Qualé, meu rei? Você quer sempre resolver tudo com violência...? Que coisa mais antiga!

P1 – É isso!

P2 – Isso o quê?

P1 – O nome dele! A gente pode passar a chamá-lo de “Reizinho”! Ele até que tem um certo ar de nobreza...

P3 – (Pensativo) Reizinho... Será que as pessoas vão gostar?

P1 – Não custa experimentar. Se não ficar bom, a gente troca depois.

P3 – Tá bom! Vamos tentar.

OS PALHAÇOS SE ARRUMAM COMO SE FOSSEM APRESENTAR UM GRANDE SHOW.

P1 – Senhoras e senhores...

P2 – *Ladies and gentlemen...*

P3 – *Madames et monsieurs...*

P4 – Mina sama...

TODOS – (Sem entender) “Mina sama”...?

P4 – E se a gente for se apresentar no Japão?

TODOS SE ENTREOLHAM E RECOMEÇAM.

P1 – Senhoras e senhores!

P3 – Essa noite, o Grande Circo do Nariz Vermelho tem o prazer de apresentar o mais novo sucesso dos picadeiros mundiais!

P2 – O mais engraçado...

P4 – O mais criativo...

P1 – O inigualável...

TODOS – Palhaço Reizinho!

APESAR DO CLIMA FESTIVO, O REI ENTRA NO PICADEIRO IMPROVISADO COMPLETAMENTE SEM GRAÇA, AINDA SEM SABER DIREITO O QUE FAZER. OS PALHAÇOS SE ENTROOLHAM DECEPCIONADOS.

P4 – Ah, gente, nós não podemos exigir que ele aprenda tudo de uma vez. Isso leva tempo. (Para o Rei) Mas eu tenho certeza de que você vai conseguir.

P3 – Olha, Reizinho, quando a gente entra para apresentar um show, essa entrada tem que ser assim... Mais forte, entendeu?

Rei – Não.

P1 – É que vai ter um monte de gente esperando para te ver, Reizinho. Você tem que ser mais alegre, mais festivo!

P3 – Imagine que você está em cima de um palco, com um monte de gente na plateia, olhando pra você. (Apontando e descrevendo pessoas do público) Ali, por exemplo, tem um garoto com camisa amarela olhando pra você. Já daquele lado tem uma menina de cabelos compridos, dando risada...

Rei – Ah... Estou entendendo. Parece até que estou vendo!

P4 – É isso. Agora vamos tentar de novo.

P1 – Senhoras e senhores...

P3 – Essa noite, o Grande Circo do Nariz Vermelho tem o prazer de apresentar o mais novo sucesso dos picadeiros mundiais!

P2 – O mais engraçado...

P4 – O mais criativo...

P1 – O inigualável...

TODOS – Palhaço Reizinho!

O REI FAZ UMA ENTRADA TRIUNFAL, QUE É BASTANTE COMEMORADA PELOS PALHAÇOS. SEMPRE NUM CLIMA FESTIVO, OS PALHAÇOS VÃO MAQUIANDO O REI, ENQUANTO CANTAM, TOCAM E DANÇAM. QUANDO FICA PRONTO, O REI ENTRA NO JOGO, APRENDENDO A COREOGRAFIA ENQUANTO DANÇA. AO MESMO TEMPO, AS PÁGINAS DE UM CALENDÁRIO VÃO SENDO ARRANCADAS DENTRO DA LONA DO CIRCO, ATRAVÉS DE EFEITOS DE SOMBRAS. A INTENÇÃO É PASSAR A IDEIA DE QUE MUITO TEMPO SE PASSOU ATÉ AQUELE INSTANTE. AO FINAL, UMA VOZ GRITA DE FORA DE CENA: “CORREIO”! UM PACOTE DE CARTAS É JOGADO NO PALCO. CADA PALHAÇO PEGA UM ENVELOPE COM ANSIEDADE E COMEÇA A LER SUA CARTA.

P3 – Ei! Tem um pessoal que quer contratar a gente para uma apresentação!

P1 – É mesmo? Quem?

P4 – Leia aí, rápido!

P3 – (Lendo) “Prezados senhores do Grande Circo do Nariz Vermelho: Soubemos do seu talento através de amigos e... Perepê-pererê, parará-parará, não-sei-que-lá- não-sei-que-lá... E queremos convidar vocês para um grande show no nosso Reino da Máscara Dourada! Trata-se de uma festa comemorativa chamada ‘O Grande Dia da Partilha’, quando metade dos pouquíssimos tesouros conquistados pelos nossos soldados será entregue ao povo, no dia do aniversário do Rei, que estará presente à celebração.

Avisamos que só permitiremos a apresentação se todos os palhaços estiverem sempre com o rosto pintado ou mascarado, já que é proibido mostrar o rosto em nosso reino. Assinado: Rei da Máscara Dourada.”

Rei – (Furioso) Rei da Máscara Dourada? Mas ele não é mais rei! Ele abandonou o trono!

P4 – Como é que você sabe?

P2 – (Zombando) Você o conhece, por acaso?

Rei – Eu? Eh... Não... Mas já ouvi falar muito dele e sei que ele não é mais rei de lugar nenhum!

P2 – (Irônico) Bem, se ele nos convidou é porque voltou a reinar, não é?

P1 – Tive uma ideia! Essa será sua grande estreia, Reizinho. Você vai representar a gente nesse show!

Rei – Eu? Que história é essa?

P4 – Claro! Ótima ideia! Não podemos mandar todo mundo pra lá... Alguém tem que ficar aqui para fazer as apresentações do circo.

Rei – Mas, logo hoje...?

P1 – E o que tem hoje de especial?

Rei – (Encabulado) É que hoje é o meu aniversário...

P3 – (Cumprimentando-o festivamente) Que ótimo! Então você vai comemorar o seu aniversário com o rei!

Rei – Mas é que eu...

P1 – Você não precisa ter medo. Você não vai sozinho. P2 vai com você agora, e, depois, eu encontro vocês, com a bagagem do nosso show.

P2 – Eu? Mas ele tá sempre querendo brigar comigo!

Rei – Você é que sempre tá querendo brigar comigo!

P3 – Mais uma razão para vocês irem juntos: terão tempo para conversar. Vocês vão ter que se entender, ou não vão conseguir fazer o show...

P2 – Eu tenho alguma escolha?

TODOS – Não!

P4 – Agora só falta uma coisinha (Tira do bolso um nariz de palhaço e entrega para o Rei).

Rei – (Emocionado e surpreso) Meu nariz vermelho!

P3 – O nariz de palhaço.

O REI COLOCA O NARIZ. TODOS OS PALHAÇOS FAZEM O MESMO, DESPEDINDO-SE DE P2 E DO REI.

CENA 9

O REI E P2 INICIAM SUA VIAGEM AO REINO MASCARADO EM BICICLETAS, QUE SÃO PEDALADAS SEM SAIR DO LUGAR, ENQUANTO PAISAGENS VÃO PASSANDO ATRÁS DELAS.

P2 – Na verdade eu tinha escolha.

Rei – (Distraído) O quê?

P2 – Eu tinha escolha. Todo mundo sempre tem escolha de dizer sim ou não. Se eu quisesse, eu não teria vindo com você.

Rei – É... Eu sei. Eu agradeço a você. Eu também decidi vir e estou feliz que você esteja aqui comigo, porque eu tenho uma coisa muito importante para fazer no Reino da Máscara Dourada.

P2 – Você? Não estou entendendo.

Rei – Eu tenho que te dizer uma coisa. Eu não falei toda a verdade para vocês. Eu realmente conheço muito bem o Reino da Máscara Dourada porque... Porque eu sou o Rei da Máscara Dourada!

P2 – (Zombando) E eu sou o príncipe das Arábias!

Rei – É verdade! Eu abandonei meu reino porque ninguém deixava eu pensar com minha própria cabeça.

PARAM DE PEDALAR.

P2 – Você abandonou seu reino? Simplesmente foi embora?

Rei – Eu precisava descobrir o mundo, ver coisas diferentes. Se eu não tivesse saído de lá, nunca teria conhecido vocês, por exemplo. Nem teria percebido que o Ministro e o Conselheiro estão enganando todo mundo.

P2 – Ah, Reizinho, não precisa ser a pessoa mais inteligente do mundo para descobrir isso!

Rei – Não brigue comigo. Eles é que são “do mal”.

P2 – Ah... Qualé, meu rei? Não é sobre ser “do bem” ou ser “do mal”. É sobre o que é bom para todos e o que é bom somente para alguns.

Rei – É... Agora eu sei a diferença. Eles aproveitaram minha ausência para tentar deixar tudo como era antes, colocando alguém disfarçado em meu lugar. (P2 não fala nada. Silêncio) O que foi?

P2 – Você não confiou na gente.

Rei – Eu não podia.

P2 – Quando se trabalha em equipe, não se pode esconder nada. Quando se trabalha com Arte, não se pode esconder nada. Não interessa se você já foi rei um dia. O que importa é que você é artista da nossa trupe agora e eu tenho que confiar em você, ou nosso trabalho nunca vai dar certo.

Rei – Agora eu contei toda a verdade. Pode confiar em mim.

VOLTAM A PEDALAR.

P2 – Reizinho, você não pensou em seu povo quando deixou o reino?

Rei – Eu errei. Demorei muito para enxergar quem são meus verdadeiros aliados.

P2 – Parabéns, Reizinho.

Rei – Pelo meu aniversário?

P2 – Pelo seu aniversário também. Acho que nós já sabemos o que vamos fazer lá, não é?

Rei – Sim; sabemos!

CENA 10

N NO PALÁCIO. SOM DE ENTRADA TRIUNFANTE. O
MINISTRO E O CONSELHEIRO RECEBEM P2 E O REI, QUE
ESTÁ IRRECONHECÍVEL COM SEU NARIZ E ROUPA DE
PALHAÇO REIZINHO.

Ministro – Finalmente! Que bom que vocês chegaram. Agora a festa do nosso rei ficará completa. Mas vocês perderam boa parte das comemorações.

P2 – (Fingindo decepção) Oooohhh... Quer dizer que os tesouros já foram todos entregues ao povo? Eu queria tanto ver a cerimônia do “Grande Dia da Partilha”...!

Conselheiro – Não foi grande coisa. Foi uma cerimônia muito Simples, na verdade...

Ministro – É. Não tínhamos muita coisa para dar ao povo...

Conselheiro – Tempos difíceis...

Ministro – Além do mais, o Reino da Máscara Dourada nunca foi muito rico.

Conselheiro – Mas, vamos entrar! Temos que apresentá-los ao nosso rei.

Rei – Estou ansioso por isso!

Conselheiro – Engraçado... Sua voz me parece bastante familiar...

Rei – (Disfarçando a voz) É mesmo? Que interessante!

P2 – (Cochichando para o Rei) Você tem que tomar mais cuidado. Se eles descobrirem quem você é, nós estamos fritos!

Rei – (Cochichando para P2) Você viu o que eles fizeram? Ficaram com todo o tesouro pra eles e deram migalhas para o povo! Que raiva, que raiva!

TODOS SE APROXIMAM DO TRONO REAL, ONDE UM BONECO ESTÁ VESTIDO COMO O ANTIGO REI.

Ministro – Majestade, esses são os artistas que farão o show dessa noite.

O REI E P2 CUMPRIMENTAM-NO E COMEÇAM A SE PREPARAR PARA A APRESENTAÇÃO.

Rei – (Para P2) Mas é um boneco! Um boneco mal feito! Uma marionete, comandada por aqueles dois! (Caindo em si) Meu deus! Eu sempre fui assim! Será que é por isso que ninguém percebe o que está acontecendo agora?

P2 – Talvez. Mas nós percebemos! E vamos fazer alguma coisa, não vamos?

Rei – É pra já!

MÚSICA ENTRA E A ILUMINAÇÃO CRIA O CLIMA PARA O INÍCIO DA APRESENTAÇÃO.

Rei – Senhoras e senhores!

P2 – Esta noite faremos um espetáculo diferente, onde quase tudo o que mostraremos não passará de uma ilusão.

Rei – Por isso, nem tudo será “Real”... Aquilo que você vê poderá não ser aquilo que realmente é...

P2 – Estamos falando de farsas...

Rei – De mágicas...

P2 – De grandes truques teatrais!

Conselheiro – (Cochichando para o Ministro) Mas eles são palhaços ou mágicos?

Rei – Palhaços, mágicos... A diferença é tão pequena...

P2 – Quando se vive uma história mal contada, qualquer um pode se transformar em qualquer coisa.

Rei – Um palhaço pode se transformar em mágico!

P2 – Um mágico pode se transformar em rei!

Rei – E até mesmo um rei pode se transformar em boneco.

CONSELHEIRO E MINISTRO SE ENTREOLHAM NERVOSOS. ENTRA P1, CARREGANDO UM GRANDE BAÚ, DE ONDE SAEM TRÊS CADEIRAS COM RODINHAS E TRÊS GRANDES LENÇÓIS.

P2 – E agora que nosso companheiro chegou, vamos deixar de conversa e começar logo o show.

Rei – Para o número que vamos apresentar, nós precisaremos da ajuda de um voluntário desta tão elegante corte. (Para o Conselheiro e o Ministro) Alguns dos senhores não gostariam de nos ajudar?

Conselheiro – (Encabulado) Imagine... Eu não tenho jeito para essas coisas de artista...

Ministro – Muito menos eu! Prefiro ficar aqui, no meu canto, assistindo tudo de longe. Artista sempre faz coisas que eu não entendo muito bem...

P1 – Eu vou!

P2 – Mas precisamos de mais um voluntário.

Rei – Ora, vamos pedir a ajuda do Rei...

Ministro – Isso não pode ser feito!

Conselheiro – Ele tem dor na coluna...

Ministro – Sente pontadas no peito...

Conselheiro – Temos que dar outro jeito.

ANTES QUE O CONSELHEIRO E O MINISTRO CONSIGAM IMPEDI-LOS, P2 E O REI CARREGAM O BONECO QUE SE PASSA PELO REI E COLOCAM-NO SENTADO EM UMA DAS TRÊS CADEIRAS COM RODINHAS QUE P1 RETIROU DO BAÚ. P1 SENTA-SE NA SEGUNDA CADEIRA E O VERDADEIRO REI SENTA-SE NA TERCEIRA. P2 COBRE OS TRÊS COM PANOS IGUAIS, EM SUAS RESPECTIVAS CADEIRAS. AS TRÊS CADEIRAS COMEÇAM A TROCAR DE LUGAR, EMBARALHANDO A ORDEM INICIALMENTE ORGANIZADA.

Conselheiro – (Para o Ministro) O que vamos fazer agora?

Ministro – (Histérico, mas tentando manter a calma) Não sei, não sei! Não me pergunte, eu não sei!

Conselheiro – Vamos chamar a guarda real!

Ministro – Para quê? Para impedir que o rei participe de uma brincadeira? Não podemos fazer nada! Só podemos torcer para ninguém perceber que o Rei é um boneco.

P2 – (Mantendo o clima de apresentador do show) Agora precisamos de um clima mais misterioso. (A luz diminui) E de música também. (Estala os dedos e uma música misteriosa soa ao fundo) Esse número foi criado especialmente para o famoso “Rei da Máscara Dourada”.

P1 – (Sem entender, coloca a cabeça para fora do pano) Foi?

P2 – (Repreendendo) Foi!

P1 – Tá bom, então foi. (Volta a se cobrir com o pano)

P2 – O “Rei da Máscara Dourada”! Aquele de quem jamais se viu o rosto! Aquele que respeita as tradições, mesmo as leis mais ultrapassadas, aquele que nunca saiu do castelo! Pois agora, senhoras e senhores, eu lanço um desafio: quem, neste salão, seria capaz de reconhecê-lo e dizer em que cadeira se senta o tão famoso rei?

Ministro – (Cochichando para o Ministro) Viu? Não precisamos nos preocupar. É só um número bobo de adivinhação.

P2 – (Apontando para um dos corpos embaixo dos panos) Seria esse o grande rei? Ou esse aqui é apenas um palhaço, um bobo da corte contratado para nos fazer rir?

Conselheiro – Olha o respeito, olha o respeito!

P1 – (Entrando no clima) Desculpe-nos senhor, mas é que, sem ver sua máscara dourada e suas roupas finas, é realmente difícil para qualquer um diferenciar um rei de uma pessoa comum. Mas, mesmo assim, eu diria que o rei é esse aqui. (Aponta para uma a cadeira onde o palhaço Reizinho está sentado)

Ministro e Conselheiro – Claro que não! O rei é esse, na cadeira do meio. (Aponta para a cadeira onde o boneco do rei está sentado)

P2 – Pois eu continuo achando que é esse aqui. (Aponta para a cadeira onde o palhaço Reizinho sentou) Vamos conferir?

OS PANOS SÃO RETIRADOS APENAS DAS CABEÇAS DOS TRÊS QUE ESTÃO SENTADOS, MOSTRANDO MÁSCARAS DOURADAS ABSOLUTAMENTE IGUAIS.

Conselheiro – Mas que brincadeira é essa? Temos três reis agora?

Ministro – Não sei, não sei! Não me pergunte, eu não sei!

Conselheiro – Eu não consigo entender onde está a graça desse jogo.

P2 – Mas a graça não é para vocês. Vamos deixar que o próprio rei nos diga se ele gostou ou não do número.

Ministro – Ele não pode!

Conselheiro – Está gripado!

Ministro – Ficou muito rouco!

Conselheiro – Temos que poupá-lo!

Rei – (Falando com sua voz potente) Agradeço a preocupação dos senhores, mas me sinto muito melhor agora.

Ministro – Mas é o palhaço!

Conselheiro – É o rei!

Ministro – O palhaço é o rei?

Conselheiro – Não, o rei é que é o palhaço! Com todo o respeito, Majestade...

Rei – Não se desculpe. Eu sou mesmo um palhaço. Quer dizer... Eu era um palhaço. Agora eu sou um palhaço de verdade! Antes eram vocês que me faziam de palhaço. Pois eu cansei de ser palhaço e resolvi me transformar em um... Palhaço!

P1 – Não estou entendendo nada...!

P2 – É uma longa história, mas digamos que nosso Reizinho aqui, quem diria, era um rei de verdade!

Rei – Sim, um rei de verdade, mas que fazia parte de uma grande mentira, sendo enganado por quem devia me orientar e fazendo mal para quem eu devia ajudar.

P2 – Mas agora tudo isso vai começar a mudar.

Rei – Já mudou! Afinal, agora eu sou o palhaço mais feliz do mundo!

O CONSELHEIRO E O MINISTRO VÃO SENDO ACUADOS PELO REI E P2, EM DIREÇÃO AO BAÚ.

Ministro – (Atônito) Ah, sim, claro! Fico muito feliz pela sua decisão de virar um palhaço, quer dizer... Um palhaço é muito... Bom. Uma profissão muito importante...

Conselheiro – Isso mesmo. O que importa é vê-lo assim... Tão... Vivo! Tão... Disposto...

Ministro – O que passou, passou. O futuro é o que nos interessa, não é?

Conselheiro – Isso! O futuro! Que coisa linda...

Ministro – Tudo o que poderemos fazer juntos. Tudo novamente, já imaginou?

Conselheiro – Sem arrependimentos, sem mágoas...

Ministro – É! Uma irmandade total! Um clima de paz, de harmonia...

Conselheiro – Sim! Um reinício no dia de seu aniversário; olha que coisa linda...

Ministro – Nem cantamos parabéns ainda...

Conselheiro e Ministro – “Parabéns pra você, nessa data querida...”

O CONSELHEIRO E O MINISTRO TROPEÇAM E CAEM NO BAÚ, ONDE SÃO TRANCADOS.

P2 – O que vai acontecer com eles?

Rei – Pra começar, eles vão ter que devolver tudo o que roubaram e se desculpar com muita gente. Eu também tenho uma lista enorme de pessoas para quem preciso pedir desculpas.

P1 – Eu não estou entendendo nada... Reizinho, então você é mesmo um rei de verdade?

Rei – Claro que sou! Um rei tão poderoso quanto você! Mas não é por causa dessa máscara dourada. É porque, agora, tenho um nariz vermelho, igual ao seu.

PÕE O NARIZ DE PALHAÇO SOBRE A MÁSCARA DOURADA.

Rei – E já que não existe mais rei para dar ordem a ninguém, eu quero propor, como artista que sou, que criemos juntos uma constituição poética da imaginação, para um novo começo. Quem quer começar?

P1 SOBE EM CIMA DO BAÚ, COMO SE FOSSE INICIAR UM GRANDE DISCURSO. EM MEIO ÀS DECLARAÇÕES QUE SE SEGUEM, A IDEIA É INCENTIVAR PESSOAS DO PÚBLICO A LEVANTAREM E PROPOREM ARTIGOS PARA A NOVA CONSTITUIÇÃO.

P1 – Eu declaro que, a partir de agora, não existem mais tradições ou regras que não possam ser discutidas para melhorar a vida de todos!

P2 – Eu declaro que toda criança deve ter acesso a instrumentos musicais, argila, tinta, lápis, palcos, palavras e danças.

P1 – Fica declarado que todas as escolas serão também escolas de arte!

P3 – (Entrando em cena) De agora em diante a educação e a cultura serão os maiores tesouros de todos os povos!

P4 – (Entrando em cena) Nosso reino será em todo lugar: Nas florestas, no deserto, nas cidades, no mar. Todos conseguirão viver bem, onde bem quiserem!

MÚSICA ENTRA.

Rei – Fica determinado também que ninguém mais poderá esconder a verdade, ou o rosto (o Palhaço Reizinho tira sua máscara dourada).

P2 – Ou o fundo mais fundo do brilho do olho, que é o caminho para se chegar mais rápido ao coração dos amigos.

Rei – E é também por onde se conhece um mundo enorme de coisas maravilhosas, que só estão esperando por nós para acontecer.

O REI INICIA A MESMA COREOGRAFIA DA CENA 8. TODOS PARTICIPAM DA DANÇA.

FIM



Qualé, meu Rei?

Texto

Beto Mettig

Ilustrações

Luciana Arantes

Projeto gráfico

Márcio Mettig Rocha

Leia e baixe o texto no site:

www.qualemeurei.com.br

Direitos reservados a Beto Mettig

betomettig@uol.com.br

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

